

MULTILINGUISMO E “BULLYING” LINGÜÍSTICO EM ESCOLAS DA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

MULTILINGÜISMO Y “BULLYING” LINGÜÍSTICO EM ESCUELAS DE LA FRONTERA DE BRASIL/PARAGUAY: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Patrícia Graciela da Rocha¹

RESUMO: Este estudo foi realizado na fronteira entre Brasil e Paraguai com os objetivos de a) Identificar as línguas que circulam na cidade de Porto Murtinho - MS e b) Verificar possíveis atitudes linguísticas negativas/bullying linguístico diante da(s) língua(s) e/ou das variedades faladas naquele lugar. Sob o escopo teórico e metodológico da sociolinguística laboviana, aplicou-se testes de percepção e atitude linguística a 252 alunos da Educação Básica do município e foram obtidos também relatos escritos sobre situações de discriminação linguística. Dentre os resultados encontrados, destaca-se a configuração multilíngue da região estudada, onde circulam, principalmente, o português, o espanhol, o guarani e o inglês e identifica-se muitas atitudes linguísticas negativas diante da(s) língua(s) e das variedades faladas pelos participantes da pesquisa, o que indica a inexistência de uma política linguística plurilíngue.

Palavras-Chave: Preconceito linguístico; multilinguismo; Sociolinguística; fronteira; Porto Murtinho.

RESUMEN: Este estudio se realizó en la frontera entre Brasil y Paraguay con los objetivos de a) Identificar los idiomas que circulan en la ciudad de Porto Murtinho - MS y b) Verificar posibles actitudes lingüísticas negativas hacia el(los) idioma(s) y / o las variedades que se hablan en ese lugar. Bajo el alcance teórico y metodológico de la sociolingüística de Laboviana, se aplicaron pruebas de percepción y actitud lingüística a 252 estudiantes de Educación Básica del municipio y también se obtuvieron informes escritos sobre situaciones de discriminación lingüística. Entre los resultados, se puede destacar la configuración multilingüe de la región estudiada, donde circula, principalmente, el portugués, el español, el guaraní e el inglés. Además, hay muchas actitudes lingüísticas negativas hacia el idioma (s) y variedades habladas por los participantes de la investigación, lo que indica la ausencia de una política lingüística plurilingüe.

Palabras-clave: Prejuicio lingüístico; multilingüismo; Sociolingüística; frontera Porto Murtinho.

1 Introdução

Os participantes na Sessão *Springboard for Talent: Language Learning and Integration in a Globalized World*, no Seminário Mundial de Salzburgo², realizado de 12 a 17 de dezembro de 2017, lançaram um apelo mundial a políticas que valorizem e defendam o multilinguismo e os direitos linguísticos, convocando os indivíduos, as empresas, as instituições e os governos a adotarem uma mentalidade multilíngue que enalteça e promova a diversidade linguística como

¹ Doutora em Linguística na área de Sociolinguística pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. Professora colaboradora no Mestrado em Estudos de Linguagens-UFMS.

² <https://www.salzburgglobal.org/multi-year-series/education.html?pageId=8173>

norma global, que acabe com a discriminação linguística e desenvolva políticas de linguagem que promovam o multilinguismo.

Enquanto isso, no Brasil, o mito de país monolíngue em língua portuguesa – descrito por Bagno (2015) – decorrente de um processo histórico de homogeneização linguística, que legitimou o português como língua nacional única do Estado Brasileiro, ainda é um tema polêmico e provoca discussão em diferentes esferas sociais. Nas últimas décadas, a percepção de que este é um país de muitas línguas foi sendo (re)construída por ações que seguiam na esteira de uma agenda política de valorização da diversidade, orientadas tanto pela concepção de que as línguas representam recursos valiosos para demandas e reivindicações de diferentes grupos linguísticos, muitos dos quais que presenciaram a perda ou substituição de suas línguas (OLIVEIRA, 2008) no século passado. Todavia, atualmente, esse processo vem sendo ameaçado por uma política avessa à diversidade de toda natureza que representa um retrocesso não só teórico como também ideológico.

Enquanto documento oficial, a Constituição de 1988 pode ser considerada um marco dos primeiros movimentos desse Estado em direção ao reconhecimento da diversidade de línguas existente no país, iniciando com o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas em relação às suas línguas e culturas. São ações que refletem os resultados das discussões em torno dos direitos linguísticos e do importante papel que as línguas desempenham na construção de identidades individuais e coletivas (OLIVEIRA, 2008).

No que se refere às línguas que configuram o multilinguismo do território brasileiro, o país iniciou, nas últimas décadas, um movimento em direção não só ao reconhecimento dessas línguas, mas também à sua defesa, valorização e promoção. Podemos citar, como exemplo, políticas linguísticas explícitas na forma de instrumentos legais, como a criação da lei que regulamenta o uso da Língua Brasileira de Sinais; os processos de cooficialização de diversas línguas no âmbito de governos municipais (línguas de imigração e línguas indígenas como a Tukano, o Nheengatu e a Baniwa em São Gabriel da Cachoeira - AM³); o Seminário de Criação do Livro de Registro das Línguas promovido pelo IPHAN em 2006 e; a criação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Brasil em 2010, do qual deriva o importante Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL (IPHAN, 2014), dentre outros (OLIVEIRA, 2008).

Mato Grosso do Sul, *locus* desta pesquisa, é um estado que tem na base da sua constituição a mistura de muitas culturas e, conseqüentemente, de muitas línguas e variedades que se juntaram e se misturaram graças a alguns fatores sócio-históricos: a) *as migrações*: a aventura, a baixa densidade populacional, a terra fácil fizeram que para cá viessem mineiros, paulistas, goianos, principalmente, voltados para a pecuária e com isso abrindo fazendas e criando gado (OLIVEIRA, 2006). Numa segunda circunstância, os paranaenses e gaúchos para o cultivo da terra, além de pernambucanos, baianos e alagoanos, em sua maioria, na luta pela sobrevivência, dispostos a desenvolver quaisquer atividades; b) *os nativos*: a população indígena⁴,

³ A lei de cooficialização das línguas Tukano, Nheengatu e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira é descrita e analisada na dissertação de apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, escrita por Fabiana Sarges da Silva e orientada pelo Prof. Dr. Frantomé B. Pacheco em 2013.

⁴O Estado de Mato Grosso do Sul possui hoje uma população indígena estimada em 63 mil pessoas, na qual se

a segunda maior do país, com mais de 60.000 pessoas e c) *as regiões fronteiriças*: marcadas pelo espaço e pelos seus habitantes com nítidas interferências na linguagem das regiões. São frequentes também as ações comerciais e culturais dos paraguaios e bolivianos, além das relações empregatícias nas fazendas dos Pantanaís.

Dentre as causas da variação da linguagem em Mato Grosso do Sul, esses três fatores podem ser percebidos sob a forma de empréstimos (adoção do item lexical com alteração na sua estrutura), interferências (expressão da língua A, usada na língua B) e xenismos (palavra importada sem alteração) (OLIVEIRA, 2006). Entretanto, outras causas podem ser identificadas.

Diante desse cenário, recortamos, para este estudo – Porto Murtinho – um município de Mato Grosso do Sul que faz fronteira fluvial com o país vizinho, o Paraguai. Para descrever a realidade multilíngue daquele lugar, escolhemos investigar as escolas de Educação Básica e elegemos os alunos do Ensino Fundamental (séries finais), do Ensino Médio e da EJA (1ª e 2ª fase) como sujeitos desta pesquisa objetivando: a) Identificar as línguas que circulam naquela região (seja de forma ativa ou passiva) e b) Verificar possíveis atitudes linguísticas negativas/bullying linguístico diante da(s) língua(s) e/ou das variedades faladas.

Para tratar das questões elencadas acima, organizamos o texto da seguinte forma: inicialmente fazemos uma breve descrição da cidade de Porto Murtinho contextualizando geográfica e culturalmente nossa pesquisa. Em seguida, trazemos o referencial teórico que utilizamos como ancoragem para este estudo, discutindo os conceitos de bilinguismo, multilinguismo, plurilinguismo, preconceito linguístico/bullying sob a ótica da sociolinguística laboviana. Na sequência, descrevemos a metodologia utilizada para coleta e análise de dados. Por fim, apresentamos e analisamos os dados, tecemos algumas considerações finais e trazemos as referências bibliográficas utilizadas.

2 A Fronteira Brasil/Paraguai – o *locus* da pesquisa

O município de Porto Murtinho, que pode ser visualizado imagem aérea abaixo, tem aproximadamente 15 mil habitantes e está situado no sul da região Centro-Oeste do Brasil, nos pantanaís Sul-Mato-Grossenses (Microrregião do Baixo Pantanal) e a sua fundação está intimamente ligada à Cia. Matte Laranjeira fundada por volta de 1882, por Thomaz Laranjeira que trouxe do sul do país fazendeiros que conheciam o manejo da erva-mate e, utilizando também a mão-de-obra de índios da região e de paraguaios, iniciou o ciclo de produção da erva-mate que teve seu auge no final do século XIX quando a Cia. passou a explorar também o território dos índios Kaiowás e Guaranis que viviam no lugar. A atividade gerou muito lucro à empresa estimulando o aumento da exportação e culminou com a construção de uma ferrovia e do Porto Fluvial Murtinho que foi elevado a distrito em 1900. A Companhia encarregava-se da

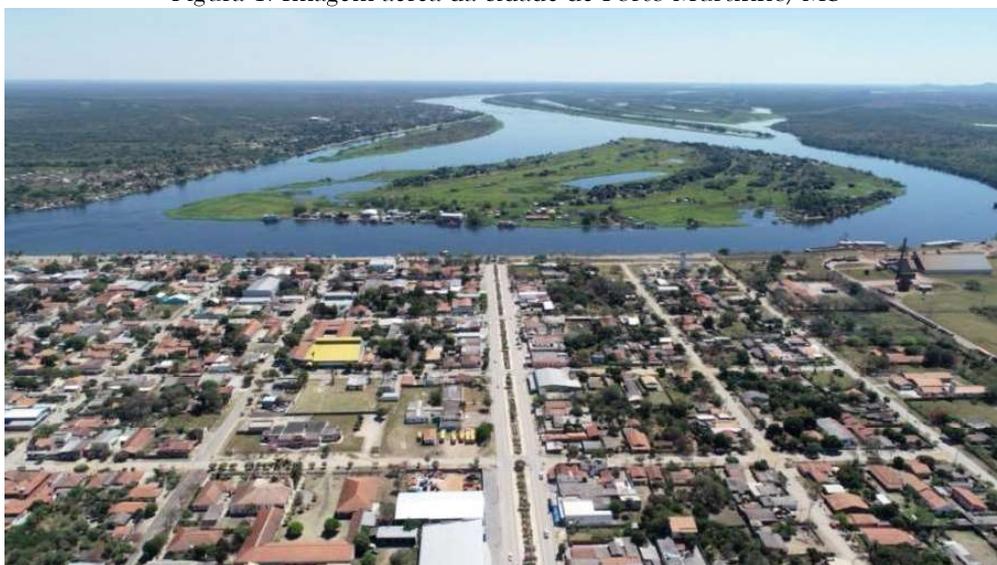
destacam os Kaiowá e Guarani, os Terena, os Kadiwéu, os Guató e os Ofaié, sendo que os Kaiowá e Guarani e os Terena apresentam-se com o maior contingente populacional; os primeiros com cerca de 40 mil pessoas, os Terena, com 23 mil pessoas e os Kadiwéu com uma população que gira ao redor de 1.500 pessoas. Fonte: <http://www.mcdb.org.br/materias.php?subcategoriaId=23>. Acesso em 28/09/2019.

exploração e exportação da erva semi-elaborada (cancheada) para Buenos Aires e atingiu outros grandes centros urbanos como Assunção (Paraguai), Inglaterra, França e Itália. Esse ciclo se encerrou em meados de 1960 (BARBOSA, 2012).

Atualmente, o turismo de pesca é a sua principal atividade econômica, pois o trecho do Rio Paraguai em Porto Murtinho é um dos mais piscosos do Brasil, sendo por isso a pesca profissional e amadora, além da fauna e flora, o principal atrativo do lugar.

Do outro lado do rio, imediatamente em frente a Porto Murtinho, na parte central superior da imagem abaixo, está a Ilha Margarida (Isla Margarita, em espanhol – um dos idiomas oficiais do Paraguai), uma zona de livre comércio localizada no lado paraguaio, bastante visitada pelos turistas. Para chegar até lá é preciso atravessar o rio e pequenos barcos, pois não existe ponte que ligue as duas cidades:

Figura 1: Imagem aérea da cidade de Porto Murtinho/MS



Fonte: Foto de arquivo pessoal realizada por Antonio Ramon Ruiz

Do outro lado do Rio Paraguai, na parte superior esquerda da foto, também está a comunidade de Carmelo Peralta, um distrito do Paraguai, localizado no departamento de Alto Paraguay que possui cerca de 4.432 habitantes⁵, muitos deles com cidadania brasileira, uma vez que é uma prática comum naquele lugar as gestantes atravessarem o rio para terem seus filhos na cidade de Porto Murtinho e assim conseguirem a cidadania brasileira para com isso terem o direito de usufruírem os serviços públicos básicos como saúde e educação. Dessa forma, muitas crianças e jovens cruzam diariamente o rio, em pequenas embarcações, para estudarem nas Escolas de Educação Básica do lado brasileiro.

Uma vez situado brevemente o *locus* da nossa pesquisa, passamos a descrever o nosso aporte teórico.

⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmelo_Peralta.

3 Bilinguismo, Multilinguismo e Plurilinguismo

Para descrevermos a realidade linguística da comunidade mencionada, é importante trazermos a baila alguns conceitos que consideramos essenciais para empreender as posteriores análises. Dessa forma, revisitamos rapidamente conceituações de *bilinguismo*, *multilinguismo* e *plurilinguismo*.

As definições e critérios para classificação de indivíduos, e/ou dos territórios, como monolíngues e bi/multílingues não são consensuais entre os teóricos, todavia o senso comum tende a considerar como característica desses fenômenos "a competência total em duas línguas" análoga à do falante nativo, de acordo com a definição proposta por Bloomfield ([1933] 1984) e bastante questionada nas últimas décadas.

Além do impasse que diz respeito à definição das características definidoras do sujeito bi/multílingue, existe também a problemática dos binômios bi/multilinguismo e bi/plurilinguismo, usados frequentemente de maneira indistinta, ou sinônima, ainda que alguns autores proponham a diferenciação entre *multilinguismo* e *plurilinguismo*.

O Quadro Europeu Comum de Referência⁶ define como *multilinguismo* a coexistência ou conhecimento de diferentes línguas em uma dada sociedade, enquanto que o *plurilinguismo*, por sua vez, seria a competência comunicativa possuída pelo indivíduo em mais de um idioma, nesse sentido, a primeira denominação seria de caráter social enquanto a segunda seria de caráter individual.

Bagno (2017, p.34) define como *bilíngue* “o indivíduo que domina com igual proficiência duas diferentes línguas” e acrescenta que o termo pode ser aplicado para designar grupos sociais, ou seja, comunidades de fala em que o uso de duas línguas é normal no cotidiano dos membros que a compõem - *bilinguismo social*. O mesmo autor define o termo *multilinguismo* como aquele que “caracteriza a existência, no interior de um mesmo território - dotado ou não de soberania política -, de diferentes comunidades linguísticas” (BAGNO, 2017, p.297). O autor acrescenta à definição que trata-se da situação mais comum em todas as sociedades humanas, pois embora o número de línguas oficiais seja relativamente reduzido (cerca de 150 no mundo todo), são raros os exemplos de *monolingüismo absoluto* nesses países.

Oliveira (2016) faz uma distinção entre os termos *multilinguismo* e *plurilinguismo* que achamos pertinente adotar. Ele aponta para a presença de várias línguas numa localidade ou sociedade - o *multilinguismo*, um termo descritivo, portanto. Enquanto o *plurilinguismo*, em contraste, seria o termo que aponta para uma valorização positiva deste *multilinguismo*, a sua utilização como efetivo recurso para a vida das pessoas envolvidas nas práticas comunicativas em questão, para as instituições e para o país: somente neste caso falamos de *plurilinguismo*. “Assim, as nossas fronteiras são espaços multílingues, mas dada a geopolítica dos Estados e muito especialmente do Estado brasileiro, recém começam a ser espaços plurílingues” (OLIVEIRA, 2016, p.69).

⁶ Documento publicado pela União Europeia em 2001 e que estabelece diretrizes para a descrição dos níveis de competência linguística para o aprendizado e ensino de línguas.

Quando tratamos desses conceitos em pesquisas sociolinguísticas, desembocamos, de uma forma ou de outra, nos comportamentos e atitudes linguísticas, sobre os quais abordaremos a seguir.

4 Comportamentos e atitudes linguísticas

O termo *atitude*, na concepção utilizada pela sociolinguística, tem sido emprestado da Psicologia Social que o define como:

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. [...] As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT e LAMBERT, 1972, apud BOTASSINI, 2015, p.110).

A partir desse pressuposto teórico é possível definir *atitude social* como uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva que pode ser a favor ou contra um objeto social definido, que predispõe e a uma ação coerente com as percepções/conhecimentos e afetos relativos a este objeto (BOTASSINI, 2015).

Diante de tal definição, é possível assimilar o conceito de *atitude linguística* que, para Bagno (2017, p.21),

são opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da(s) língua(s) de outros grupos e, sobretudo, da variação linguística. O caso mais frequente em sociedades letradas é o das atitudes que os falantes assumem na comparação que fazem entre as formas linguísticas padronizadas que formam a base da norma-padrão, e as demais variedades empregadas em seu meio social, sobretudo as de menos prestígio.

O autor adverte que mesmo em sociedades não letradas existem atitudes socioculturais para com as línguas e exemplifica esse fenômeno com o estudo de Bloomfield (1964) que menciona as noções de uso “bom” e “ruim” na cultura oral dos índios menomini, no norte de Minnesota (Estados Unidos), o que comprova que os juízos de valor são elementos muito difundidos e não exigem obrigatoriamente a presença de um padrão escrito, codificado, para que a avaliação ocorra.

Para Bagno (2017), as *atitudes linguísticas* constituem um importante aspecto da complexa psicologia social das comunidades linguísticas e realça a importância do trabalho pioneiro de Wallac Lambert e William Labov, na década de 1960, para os estudos dessa natureza na sociolinguística. Ele também destaca que essa área tem demonstrado que essas atitudes não têm nenhum fundamento linguístico, uma vez que sua origem é inteiramente social, cultural,

política, embora possa ter efeitos importantes nos atos de identidade e na mudança linguística (hipercorreção, insegurança linguística).

Os estudos empíricos em sociolinguística, que investigam essa temática, costumam evidenciar que os juízos de valor – mais de natureza social que propriamente linguística – sobre a correção, a adequação e a estética dos sotaques, dialetos e línguas são geralmente gerados ao se confundir norma-padrão com correto, formal, adequado e bonito, e variedades estigmatizadas com incorreto, informal, inadequado e feio. O que, muitas vezes, leva à insegurança linguística.

Esses estudos, empreendidos em todo mundo, mostraram que em qualquer contexto social, há dois fatores que determinam a condição das variedades linguísticas (línguas, dialetos ou sotaques) empregadas, são eles os valores do *status* e da *solidariedade*. Uma fonte de informação importante sobre o status e a estima das variedades linguísticas se acha em seu tratamento público: de fato, a saúde de uma língua, dialeto, sotaque, ou mesmo de uma forma linguística (fonológica, gramatical ou semântica) depende, em grande medida, das atitudes favoráveis que elas produzem em seu contexto social. Embora não seja possível observá-la diretamente, já que o sistema de processamento, os pensamentos e sentimentos se encontram ocultos, as atitudes podem ser explicadas pelo acompanhamento da direção e da persistência dos padrões recorrentes da conduta humana externa (BAGNO, 2017, p.22).

Para Calvet (2002), uma das reservas que se pode manifestar contra as definições da língua que a reduzem a um “instrumento de comunicação” é que elas podem levar a crer em uma relação neutra entre o falante e sua língua. Isso porque um instrumento é realmente um utensílio de que se lança mão quando se tem necessidade e que se deixa pra lá em seguida. Entretanto, as relações que temos com nossas línguas e com as línguas dos outros não são bem desse tipo, pois não tiramos o “instrumento língua” do bolso quando temos necessidade de nos comunicar, para devolvê-lo ao mesmo lugar depois de usar, como pegamos um martelo quando precisamos pregar um prego. Para o autor, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com as línguas, para com as variedades das línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Uma prova disso é que pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo como pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico (CALVET, 2002, p.65).

Em suma, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que uma norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram a sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar (CALVET, 2002, p.69).

Dentre as atitudes linguísticas possíveis de serem verificadas na sociedade, este estudo está dedicado a discutir mais atentamente a questão do *preconceito linguístico* que trataremos aqui como *bullying linguístico*, cujo termo conceituaremos a seguir.

5 O Preconceito linguístico/Bullying linguístico

Bagno (2017, p. 374) define *preconceito* como um prejulgamento – ou seja, “a atitude de lançar um juízo prévio e pronto sobre um fato, uma pessoa ou um grupo de pessoas antes de sequer entrar em contato com o fato ou com a pessoa/grupo – parece inerente ao ser humano que vive em sociedade”. Para o autor, essa atitude tem um estreito vínculo com as ideologias e explica:

Sem algum tipo de concepção nem sequer seríamos capazes de identificar uma questão ou situação, muito menos de emitir qualquer juízo sobre ela [...] por um lado, a *ideologia* não é um mero conjunto de doutrinas abstratas, mas a matéria da qual cada um de nós é feito, o elemento que constitui nossa própria *identidade*; por outro lado, apresenta-se como um ‘todos sabem disso’, uma espécie de verdade anônima universal [...] a ideologia é um conjunto de pontos de vista que eu por acaso defendo; esse ‘acaso’, porém, é, de algum modo, mais do que apenas fortuito [...] com bastante frequência parece ser uma miscelânea de refrões ou provérbios impessoais, desprovidos de tema; no entanto, esses chavões batidos estão profundamente entrelaçados com as raízes de identidade pessoal que nos impelem, por exemplo, de tempos em tempos, ao assassinato ou à tortura. Na esfera da ideologia, o particular concreto e a verdade universal deslizam sem parar para dentro e para fora um do outro, evitando a mediação da análise racional (EAGLETON, 1997 apud BAGNO, 2015, p. 374).

Neste estudo, adotamos o termo *bullying linguístico* como sinônimo de *preconceito linguístico* por considerarmos que ele caracteriza de uma forma mais apropriada as atitudes discriminatórias sofridas e/ou cometidas especificamente no ambiente escolar, uma vez que, ao tomarmos o signo linguístico *bullying* somos, de imediato, transportados para uma área semântica que se relaciona com a realidade escolar. Apesar de esta palavra não integrar dicionários de língua portuguesa, ela vive, sem dúvida, na sociedade do século XXI, sendo atualizada, na sua forma original, pelos falantes.

Na última década, esse fenômeno passou a receber mais atenção não só na mídia, mas na sociedade de uma forma geral. De acordo com Calbussi (2014) isso se deu principalmente porque o termo *bullying* (derivado do inglês *bully*, palavra de conotação negativa que pode ser traduzida como “tirano” ou “valente”) passou a ser usado para designar esses atos de opressão.

Sabemos que o *bullying* já existia antes de a palavra se popularizar com esse significado, mas o fato de o termo ser agora amplamente utilizado faz com que tenhamos mais consciência da existência dessas formas de intimidação e violência. No ambiente escolar, e em todas as situações que envolvem relações entre crianças, adolescentes e jovens, parece estar havendo um interesse cada vez maior em identificar e tratar os casos de *bullying*, pois é uma preocupação de toda a comunidade escolar: pais, professores, pedagogos e psicólogos estabelecer qual o limite entre uma briga e uma perseguição sistemática, entre uma discussão e uma ameaça generalizada, entre uma desavença e uma intimidação repetida.

Para Calbussi (2014), do ponto de vista das ciências sociais, é possível analisar esse fenômeno como uma relação de poder, de força, de dominação, em que há uma evidente

desigualdade entre os oponentes: o responsável pelo bullying é o opressor, constitui o grupo dominante (ou faz parte dele), goza de prestígio entre os pares e tem certas prerrogativas especiais; a vítima é o oprimido, o diferente, o marginalizado, o perseguido, enfim, o “outro”.

Ainda de acordo com Calbussi (2014), as questões envolvendo negros, homossexuais, mulheres e diversas minorias demonstram a dificuldade de conviver com a alteridade, de aceitar quem age de modo diferente, de respeitar quem pensa de outro modo. Esses grupos minoritários, assim como os índios no processo de colonização, também foram historicamente vítimas (e muitos ainda são) de ameaças, intimidações, perseguições, sátiras, humilhações, violência física e psicológica. Eles têm que lutar para adquirir direitos que o restante da sociedade já possui há tempos. Para o autor, todas essas formas de discriminação também poderiam ser denominadas de *bullying*, uma vez que o que acontece no ambiente escolar não deixa de ser a reprodução, em miniatura, de tudo aquilo que sempre houve na sociedade, nos conflitos entre grupos sociais diferentes e nas contradições que há no mundo em que vivemos.

6 Metodologia da pesquisa

Quanto à abordagem, a metodologia utilizada envolveu tanto uma pesquisa qualitativa como quantitativa, pois nos preocupamos com a coleta de um número significativo de dados que pudessem ser computados, transformados em percentuais e representados em formas de gráficos e tabelas, mas também tomamos o cuidado de abrir um espaço para depoimentos pessoais que pudessem nos trazer elementos mais substanciais para uma compreensão mais profunda das questões que foram levantadas.

Para isso, elaboramos um questionário/teste de percepção e atitude linguística, amplamente utilizado em pesquisas sociolinguísticas variacionistas (ou labovianas), adaptamos o seu formato aos nossos objetivos – com 6 perguntas destinadas a descrever o perfil dos informantes e 13 questões referentes à língua falada na região, à variação linguística e ao “bullying” linguístico com 3 espaços para depoimentos sobre os temas tratados – e os aplicamos a 252 alunos da Educação Básica da cidade de Porto Murтинho durante a etapa de observação do Estágio Obrigatório de Língua Portuguesa e Literatura do Curso de Letras Português e Espanhol EaD/UFMS – Polo de Apoio Presencial de Porto Murтинho, no período de abril a junho de 2018. Dentre os resultados obtidos, optamos por analisar, neste estudo, as respostas dadas a 3 perguntas que retratam, respectivamente, o multilinguismo do local o “bullying” linguístico sofrido pelos participantes da pesquisa.

Dessa forma, nosso *corpus* é composto pelas respostas dadas aos testes de percepção e atitude linguística de 252 alunos da Educação Básica Pública do município de Porto Murтинho, pertencentes ao sistema Estadual e Municipal de ensino sendo 56% deles do gênero feminino e 44% do gênero masculino.

Quanto à faixa etária dos alunos, 43% têm entre 10 e 14 anos; 35% entre 15 e 18 anos e 22% têm mais de 18 anos.

Quanto à escolaridade dos alunos, 19% são do 5º ano; 2% do 6º ano; 13% do 7º ano; 20% do 8º ano; 13% do 9º ano; 7% do 1º ano do Ensino Médio; 5% do 2º ano do Ensino

Médio; 7% do 3º ano Ensino Médio; 6% do EJA 1ª fase (equivalente ao Ensino Fundamental) e 8% do EJA 2ª fase (equivalente ao Ensino Médio).

Quanto à distribuição geográfica, ou o local de moradia, 92% são moradores da zona urbana de Porto Murtinho/MS; 4% da zona rural da mesma cidade; 2% da Isla Margarita e 2% da cidade de Carmelo Peralta (ambas localidades paraguaias, localizadas do outro lado do Rio Paraguai).

É importante registrar que esses alunos não foram meros “sujeitos” da pesquisa que nos forneceram dados passivamente. Ao final da pesquisa tivemos a preocupação de voltar às escolas participantes e devolver os resultados a todos os alunos em forma de oficina, nas quais foram discutidos todos os dados sob a luz da sociolinguística laboviana. Fizemos esse mesmo movimento com os professores da Educação Básica do Município, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, em forma de Formação Continuada, na qual eu ministrei uma oficina intitulada *Língua, Variação e Identidade*. Nessa oportunidade, todos os resultados do estudo foram apresentados e analisados e outra pesquisa foi iniciada com os professores⁷.

Uma vez descrita a metodologia utilizada e os participantes da pesquisa, passamos à apresentação e análise dos dados.

7 Apresentação e Análise dos dados

Para captar o *multilinguismo* dos participantes da pesquisa, perguntamos a eles “qual língua você sabe falar”. No gráfico 1, abaixo podemos visualizar as respostas:



Como podemos visualizar no gráfico 1, a grande maioria dos participantes da pesquisa – 73% – afirmam saber falar português, enquanto 12% afirmam saber falar guarani, 10% espanhol/castelhano e 5% inglês. É importante destacar aqui que os alunos podiam marcar mais de uma opção.

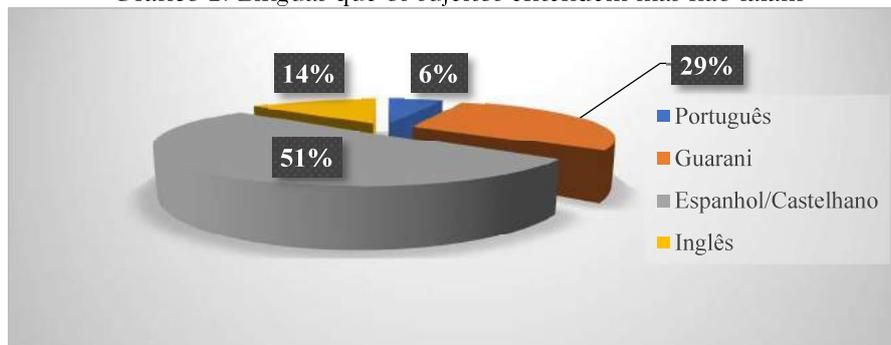
Diante dessas respostas, podemos sugerir que estamos diante de um caso de *multilinguismo social*, uma vez há a presença de mais de uma língua na localidade, ou na comunidade da fala investigada.

Para aprofundarmos essa questão e corroborar nossa hipótese de multilinguismo ou bilinguismo passivo, perguntamos a eles: “Qual língua você entende, mas não fala?”. A partir dessa

⁷ Os dados gerados por esses professores são objeto de análise de outro texto a ser publicado em breve.

pergunta obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 2: Línguas que os sujeitos entendem mas não falam



Como podemos visualizar no gráfico 2, a maioria dos participantes da pesquisa - 51% - afirmaram que entendem, mas não falam o espanhol/castelhano, 29% afirmaram que entendem, mas não falam o guarani, 14% o inglês e 6% o português.

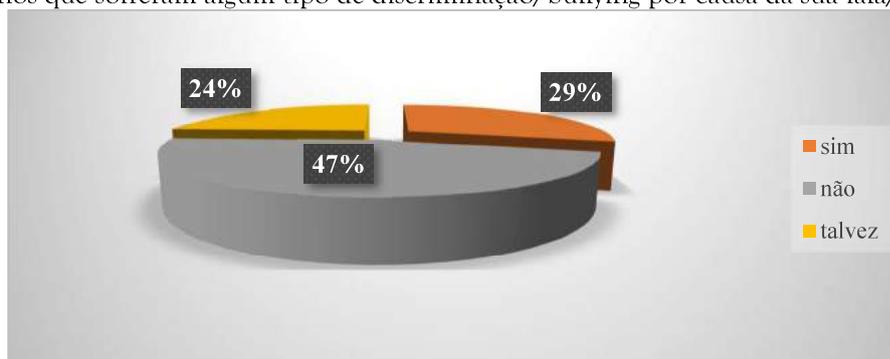
Diante desse quadro, consideramos interessante destacar o fato de todos os alunos assumirem que entendem alguma outra língua além da sua materna, o que de imediato já configuraria um certo grau de *bilinguismo individual* a todos eles e, por outro lado, 6% deles (15 alunos) assumem que entendem, mas não falam, o idioma oficial do nosso país, ou seja, são alunos com nacionalidade brasileira, estudando em escolas públicas brasileiras, mas que não falam a língua portuguesa. A partir dessa resposta podemos nos indagar sobre como se dá a comunicação entre esses alunos e os seus professores e colegas? E, para além disso, como acontece o aprendizado deles? Uma vez que a língua é um aspecto bastante relevante na hora de expressar a aprendizagem de um determinado conteúdo, ou assunto, na forma de prova, seminário etc.

Outro dado que não podemos deixar de destacar é o fato de 29% (74 alunos) dos participantes assumirem que entendem, mas não falam, o guarani, uma das línguas oficiais do Paraguai, de matriz indígena e gramaticalmente bastante diferente do português. Trata-se de um resultado que retrata bem a realidade local de livre transição entre brasileiros e paraguaios e a penetração desse idioma na comunidade murtinhense, pois embora 12% apenas assumirem que sabem falar esse língua, o número daqueles que a entendem é mais do que o dobro, indicando um grande número de bilíngues passivos.

Todavia, o status social dessas línguas não é o mesmo, assim como não ocupam o mesmo status os seus falantes e desde o nosso primeiro contato com a localidade percebemos que esse multilinguismo não era muito bem vindo em alguns contextos, principalmente no ambiente escolar. Além disso, nossos acadêmicos do Curso de Letras, com polo de apoio presencial naquela cidade, frequentemente nos relatavam os “problemas” vivenciados pelos falantes de guarani e de outras línguas indígenas que são faladas nas redondezas.

Diante dessas informações prévias, perguntamos aos alunos: “Você já sofreu algum tipo de discriminação/bullying por causa do seu jeito de falar/sotaque? As respostas podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Alunos que sofreram algum tipo de discriminação/bullying por causa da sua fala/sotaque



Como vemos, um número considerável de participantes - 29% - afirmaram já ter sofrido algum tipo de discriminação/bullying por causa da sua fala/sotaque, o que significa 74 informantes. 47% disseram que não sofreram com esse tipo de bullying e 24% marcaram a opção “talvez”. Interpretamos esse último dado como uma postura de dúvida diante da natureza da discriminação que sofreu, ou seja, provavelmente esses alunos sofreram algum tipo de bullying, mas não têm certeza se é por causa da linguagem ou por outro motivo qualquer: cor, sexo, etnia etc.

Para confirmarmos se os alunos sabiam do que realmente se tratava o bullying linguístico e para verificar qual era a sua reação/emoção diante de tal atitude pedimos a eles o seguinte: “Se você já sofreu e/ou já presenciou algum tipo de discriminação/bullying linguístico, conte-nos como foi e como você se sentiu”. Para essa pergunta obtivemos 83 depoimentos relatando atitudes linguísticas preconceituosas e os sentimentos dos alunos diante delas. Dentre os relatos recebidos amalgamamos aqueles que eram semelhantes e apresentamos 41 no quadro abaixo:

Quadro 1: Relatos dos alunos sobre atitudes linguísticas preconceituosas e os sentimentos/reações que elas geraram

1. Sofri Bullying na minha antiga escola por causa do meu jeito de falar e naquela hora fiquei deprimido por que não conseguir revidar os comentários devidamente na mesma língua	23. Sim, riram de meu amigo dele falar sem querer bicicleta
2. Sem graça e vergonhoso.	24. Eu já, muitos eles ficam muito triste
3. Triste, magoado e assustado.	25. Zoou comigo muitas vezes
4. Com vergonha	26. Sim, minha amiga foi chamada de paraguaisinha
5. Fiquei deprimido , furioso e magoado	27. Aconteceu comigo e também pode acontecer com qualquer um
6. Fiquei com raiva, mas por outro lado muito triste.	28. Sim, a minha amiga foi zoada porque ela falou cuaderno ao invés de caderno
7. Ruim, muito triste e com raiva	29. Comigo mesma e com minha amiga
8. Muito magoado	30. Já, porque as pessoas da minha cidade faz divisa com o paraguay
9. Eu me senti ferido por dentro, mas por fora furioso	31. Sofri pelo sotaque
10. Eu bati no meu colega	32. Um menino de alagoas
11. Bati no cara que me zoou	33. Chateada
12. Triste me senti inferior as pessoas	34. Bom no caso eu tenho um sotaque diferente, levei na esportiva mais me senti um pouco mal.
13. Chorei e voltei para casa	35. Apenas me senti chateada
14. Magoado e furioso	36. Muito triste
15. Triste, furiosa e magoada	37. Muito triste e fiquei sem vir na aula
16. Muito triste e chorei	38. Porque não soube falar a língua correta senti meio sem jeito
17. Furioso e magoado	39. Eu me senti muito mal
18. Eu mi senti triste e fiquei bravo	40. Senti vergonha
19. Fiquei com muita vergonha e triste	41. Triste e bravo
20. Furiosa e chorona	
21. Fiquei muito triste e furioso	
22. Fiquei meio triste e com raiva	

Como podemos observar nos depoimentos⁸ acima, os alunos parecem conhecer muito bem o motivo pelo qual sofrem com atitudes linguísticas discriminatórias quando relatam situações como “Sofri Bullying na minha antiga escola por causa do meu jeito de falar e naquela hora fiquei deprimido por que não conseguir revidar os comentários devidamente na mesma língua” (depoimento 1) e também levantam suas próprias hipóteses sobre o porquê dessas atitudes quando afirmam que “Já, porque as pessoas da minha cidade faz divisa com o paraguay” (depoimento 30).

Quando observamos as descrições dos alunos acerca dos seus sentimentos que conotam tristeza, vergonha, raiva, mágoa, fúria, depressão... e das suas reações diante das atitudes discriminatórias – *eu bati no meu colega, chorei e voltei pra casa, fiquei sem vir na aula...* –, não há como não se solidarizar com o oprimido. Ao mesmo tempo, fica muito palpável a ideologia monolíngüística que está por trás da ação do opressor. Além disso, é possível perceber nitidamente o papel da escola enquanto instituição que reafirma e perpetua essa ideologia.

Diante dessas constatações, resgatamos as palavras de Bagno (2015) sobre como é impossível reprimir o preconceito, seja ele de que natureza for, porque se trata de uma crença pessoal, de uma postura individual diante do outro. Assim, qualquer pessoa pode achar que um modo de falar é mais bonito, mais feio, mais elegante, mais rude do que outro. No entanto, quando essa postura se transforma em atitude, ela se torna *discriminação* e esta sim tem que ser alvo de denúncia e combate. No caso da língua, destaca o autor, é imprescindível que toda cidadão e todo cidadão que frequenta a escola (pública ou privada) receba uma “*educação linguística crítica* e bem informada, na qual se mostre que todos os seres humanos são dotados das mesmíssimas capacidades cognitivas e que todas as línguas e variedades linguísticas são instrumentos perfeitos para dar conta de expressar e construir a experiência humana nesse mundo” (BAGNO, 2015, p.311).

De fato, não há como aceitar, em uma época em que a luta pelos direitos humanos, de uma forma geral, e pelo respeito às diferenças, de uma forma específica, se torna cada vez mais intensa, esse tipo de atitude é totalmente inadmissível, principalmente no ambiente escolar, onde os formadores de opinião – professores – passaram pelo menos 4 anos na Universidade, em cursos de formação docente que têm, obrigatoriamente, em seus currículos, disciplinas pedagógicas nas quais se estuda, ou pelo menos se deveria estudar, os documentos oficiais de ensino e os fundamentos de educação que reafirmam, a todo momento, a necessidade de um ensino plural e heterogêneo que respeite as especificidades culturais de cada comunidade e de cada região.

8 Considerações Finais

Voltando aos objetivos deste estudo, podemos afirmar que as línguas que circulam na região de Porto Murtinho – MS são o português (em maior número), o espanhol, o guarani e o inglês, configurando assim um contexto multilíngue. Além disso, foram identificadas muitas atitudes linguísticas negativas/discriminação diante da(s) língua(s) e das variedades faladas pelos

⁸ Os relatos foram mantidos exatamente como foram escritos pelos alunos, sem nenhuma correção ortográfica.

participantes da pesquisa, o que indica que não há uma política linguística plurilíngue latente.

Por fim, deixamos nosso desejo por um conceito de nacionalidade plural e aberto à diversidade, mais democrático e culturalmente mais enriquecedor, menos violento e discricionário, que permita nos relacionar de uma forma mais honesta com a nossa própria história, sem tentar camuflar e maquilar o passado, escondendo os horrores das guerras, dos massacres e da escravidão que nos constituíram, mas vendo a história apenas como uma sequência de denúncias a serem feitas e de aprendizados a serem construídos.

Referências

- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*. 56ª ed. Revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARBOSA, E. L. *Território e erva mate: um estudo da erva-mate em Mato Grosso do Sul e sua relação com o Paraguai*. Dissertação de Mestrado: UFMS, 2012.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- BOTASSINI, J. A. M. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 18/1, pp. 102-131, jun. 2015.
- CALBUSSI, E. *Bullying revela dificuldades de aceitarmos as diferenças*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/opinia/coluna/2014/04/06/bullying-na-escola-e-reflexo-de-conflitos-entre-diferentes-grupos-sociais.htm>>. Acessado em 29/09/2019.
- CALVET, L.J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- OLIVEIRA, G. M. Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. *Revista GeoPantanal*. UFMS/AGB. Corumbá/MS. N. 21, pp.59-72. Jul./Dez. 2016.
- OLIVEIRA, D. P. O Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 9/2, pp. 169-183, dez. 2006.

Recebido em: 30/09/2019

Aceito em: 20/01/2020